

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAMILA CORREIA CAMPELO

ESPAÇOS DE VIVÊNCIA INFANTIL EM RESIDÊNCIAS MULTIFAMILIARES NO
BAIRRO DE BOA VIAGEM – RECIFE/PE

Recife
2018

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Camila Correia Campelo

**ESPAÇOS DE VIVÊNCIA INFANTIL EM RESIDÊNCIAS MULTIFAMILIARES NO
BAIRRO DE BOA VIAGEM – RECIFE/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
a Graduação no Curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Stela Gláucia Alves Barthel.

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4-2116

C193e	<p>Campelo, Camila Correia</p> <p>Espaços de vivência infantil em residências multifamiliares no bairro de Boa Viagem – Recife/Pe / Camila Correia Campelo. - Recife, 2018.</p> <p>60 f.: il. color.</p> <p>Orientador: Prof^a. Dr^a. Stela Gláucia Alves Barthel Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018. Inclui bibliografia</p> <p>1. Arquitetura. 2. Espaços de vivência infantil. 3. Áreas de lazer. I. Barthel, Stela Gláucia Alves. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título</p> <p>72 CDU (22. ed.)</p>	FADIC (2019-217)
-------	---	------------------

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Camila Correia Campelo

**ESPAÇOS DE VIVÊNCIA INFANTIL EM RESIDÊNCIAS MULTIFAMILIARES NO
BAIRRO DE BOA VIAGEM – RECIFE/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
a Graduação no Curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Stela Gláucia Alves Barthel.

Recife
2018

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Camila Correia Campelo

**ESPAÇOS DE VIVÊNCIA INFANTIL EM RESIDÊNCIAS MULTIFAMILIARES NO
BAIRRO DE BOA VIAGEM – RECIFE/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
a Graduação no Curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Stela Gláucia Alves Barthel.

Aprovado em 11 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Pedro Henrique C. Valadares, Prof., Me., FADIC
Examinador interno

Renata Leça, Prof.^a, Me., ESUDA
Examinadora externa

Stela Gláucia Alves Barthel, Prof.^a, Dr.^a, FADIC
Orientadora

RECIFE
2018

Dedico esse trabalho ao meu pai Jacque Campelo e minha mãe Luciene Campelo que dedicam as suas vidas para a realização do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à minha família, que não mediu esforços para que eu atingisse o meu objetivo. Em especial aos meus pais, Jacque Campelo e Luciene Campelo, por terem depositado tamanha confiança nas minhas escolhas e por terem cedido à loja e nossa casa, para serem meu laboratório de invenções.

À minha irmã, Carolina Campelo agradeço por ter passado horas jogando “The Sims” comigo e pelas lições que aprendi com o jogo, que carregou para a vida. Como, por exemplo, dinheiro não é infinito, um bom ambiente influencia o humor das pessoas, entre outras coisas.

Agradeço também ao meu namorado, Carlos Galindo, que sempre esteve disponível, dando suporte às dificuldades que surgiram ao longo da minha caminhada. Aos amigos que fiz durante o curso, que também tiveram um papel indispensável na minha formação.

Não posso deixar de agradecer igualmente à minha orientadora, Stela Barthel, sempre solícita e dedicada, me fez mergulhar em busca de respostas ao meu questionamento, sem perder a racionalidade.

“De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte.”

(Oscar Niemeyer)

RESUMO

Este trabalho investiga o surgimento e o desenvolvimento de espaços de vivência infantil no bairro de Boa Viagem, no Recife-PE, a partir da análise das plantas baixas de cinco edifícios destinados às classes média e alta, construídos a partir de 1999 até 2004, de duas construtoras pernambucanas, com projetos do mesmo arquiteto, Carlos Fernando Pontual. As plantas baixas das áreas de convivência e de lazer desses edifícios foram analisadas, em busca dos espaços destinados as crianças, no sentido de se confirmar se houve uma espécie de evolução dos mesmos. E o resultado provou que os prédios de Boa Viagem, muitas vezes, não contam com área de lazer devido ao tamanho de seus lotes. Além disso, nota-se que em vários casos a área de vivência infantil, passa a ser incorporada posteriormente ao empreendimento, reiteradamente com a ausência de um projeto.

Palavras-chave: Arquitetura. Espaços de vivência infantil. Áreas de lazer.

ABSTRACT

This work investigates the emergence and development of children's living spaces in the Boa Viagem neighborhood of Recife, PE, based on the analysis of the floor plans of five buildings for the middle and upper classes, constructed from 1999 to 2004, two constructors from Pernambuco, with projects by the same architect, Carlos Fernando Pontual. The floor plans of living and leisure areas of these buildings were analyzed in search of spaces for children, in order to confirm if there was a kind of evolution of them. And the result proved that the buildings of Boa Viagem, often, do not count on leisure area due to the size of their lots. In addition, it is noted that in several cases the area of children's living, is incorporated later in the project, repeatedly with the absence of a project.

Keywords: Architecture. Children's living spaces. Leisure areas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Crianças Operárias	14
Figura 2 - Planta Livre – Sistema Dom-ino, 1914.....	18
Figura 3 - Kindergaerten	21
Figura 4 - Muros do Edf. Shopping Prince	22
Figura 5 - HOTEL BOA VIAGEM.....	24
Figura 6 – Praia de boa viagem na década de 50 do século XX.....	25
Figura 7 - Edifício Califórnia na época do seu lançamento.	26
Figura 8 - Edifício Acaiaca.....	26
Figura 9 – Praia de boa viagem nos anos 60.....	27
Figura 10 – Shopping Recife.....	28
Figura 11 - Ocupação das edificações entre 1980 e 1990	30
Figura 12 - Orla de boa viagem.....	31
Figura 13 – Edifício Jequitinhonha Prince	33
Figura 14 - Localização do Edifício Jequitinhonha Prince	34
Figura 15 - Edifício Jequitinhonha	34
Figura 16 - Edifício Acácias Prince.....	35
Figura 17 - Localização do Edifício Acácia Prince.....	36
Figura 18 - Edifício Shopping Prince	36
Figura 19 - Edifício Shopping Prince	37
Figura 20 - Edifício Shopping Prince	38
Figura 21 - Localização do Edifício Shopping Prince	38
Figura 22 - Edifício Shopping Prince	39
Figura 23 - Edifício Miriam Dubeux	40
Figura 24 – Edifício Jardins.....	40
Figura 25 - Localização do Edifício Jardins.....	41
Figura 26 - Playground do Edifício Acácias Prince.....	43
Figura 27 - Playground do Edifício Jardins.....	44
Figura 28 - Campinho do Edifício Jardins	44
Figura 29 - Salão de Festas do Edifício Jardins	44
Figura 30 - Piscina do Edifício Jardins	45
Figura 31 - <i>Playground</i> do Edifício Shopping Prince	45
Figura 32 – Áreas do Jequitinhonha Prince	46

Figura 33 – Áreas do Jequitinhonha Prince	46
Figura 34 - Piscuna Edifício Miriam Dubeux.....	47
Figura 35 - Edifício Miriam Dubeux	47
Figura 36 - Edifício Miriam Dubeux	48

LISTA DE QUADROS

Gráfico 1 - Verticalização no bairro de Boa Viagem (1980 a 2008).....	32
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lugares especiais identificados por 20 crianças na pesquisa de Green (2011).	19
Tabela 2 - Atributos dos lugares especiais mencionados por 20 crianças na pesquisa de Green (2011).	20
Tabela 3 - Tabela 1 - Tabela Comparativa.....	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. A criança	13
2.2. Lazer: A conquista do tempo livre	16
2.3. Espaços de Vivência Infantil	17
2.3.1. O surgimento dos <i>Playgrounds</i>	20
2.4. Sociedade de consumo	21
2.5. Arquitetura do medo	22
3. ÁREA DE ESTUDO	24
4. UNIVERSO DA PESQUISA	33
4.1. Edifício Jequitinhonha Prince	33
4.2. Edifício Acácias Prince	35
4.3. Edifício Shopping Prince	37
4.4. Edifício Miriam Dubeux	39
4.5. Edifício Jardins	40
5. ANÁLISE DOS DADOS	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A – PLANTA EDIFÍCIO JEQUITINHONHA PRINCE	56
ANEXO B – PLANTA EDIFÍCIO ACÁCIAS PRINCE	57
ANEXO C – PLANTA EDIFÍCIO SHOPPING PRINCE	58
ANEXO D – PLANTA EDIFÍCIO MIRIAM DUBEUX	59
ANEXO E – PLANTA EDIFÍCIO JARDINS	60

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender o surgimento dos espaços de vivência infantil nos edifícios de habitações multifamiliares, destinados às classes média e alta no bairro de Boa Viagem, no Recife-PE. Por espaços de vivência infantil entendem-se áreas como quartos destinados às crianças dentro das moradias e também áreas de lazer (brinquedoteca, *playground*, quadras, piscina infantil, sala de estudos, salão de festas, salão de jogos etc.) inseridas nos programas e veiculadas nas propagandas de vendas das construtoras e imobiliárias.

A escolha pelas classes média e alta em detrimento da classe baixa se dá pela necessidade de investigação do surgimento destes equipamentos como um diferencial na hora da compra, num bairro cujo metro quadrado é um dos mais altos da cidade. Tais equipamentos não ocorrem nos Conjuntos Habitacionais destinados às classes de rendas mais baixas.

O objetivo geral da pesquisa é entender o processo de surgimento e desenvolvimento desses espaços nos edifícios do bairro de Boa Viagem destinados às classes média e alta. Para isso, os objetivos específicos serão analisar as áreas destinadas às crianças nos prédios do Bairro de Boa Viagem para as classes média e alta, entender como esses equipamentos destinados às crianças tornaram-se um diferencial no processo decisório da compra do imóvel e por fim explicar a implantação destas áreas de lazer em lotes que são estreitos e profundos, diferentes dos lotes de outras áreas da cidade destinadas às classes média e alta, como os bairros de Casa Forte e Jaqueira, que apresentam os índices de metros quadrados mais valorizados da cidade.

O trabalho parte da hipótese de que parece ter havido uma evolução dessas áreas ao longo do tempo, talvez porque as crianças tenham se tornado mais valorizadas. As imobiliárias parecem vender estes espaços como um *plus*, destacando sua exclusividade.

A metodologia partiu inicialmente de uma pesquisa bibliográfica, de consultas à Internet, em busca de informações sobre as construtoras e as propagandas dos imóveis. Foi feita uma entrevista com o arquiteto Carlos Fernando Pontual e registros fotográficos dos empreendimentos selecionados. A seguir, montou-se um Banco de Dados, a partir das plantas baixas das áreas de lazer destes edifícios para se verificar o processo de surgimento e desenvolvimento destes equipamentos.

O Universo da Pesquisa compõe-se de cinco edifícios de habitações multifamiliares. As construtoras selecionadas são a Moura Dubeux e a Pernambuco. Após a coleta dos dados, foi feita uma análise quantitativa e qualitativa sobre o que aconteceu com estes espaços.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos e se inicia com a Introdução, seguida pelo Referencial Teórico, onde se discutem conceitos como Espaços de Vivência Infantil, a Criança, a Arquitetura do Medo e a Sociedade de Consumo. No terceiro capítulo faz-se a Caracterização da Área de Estudo, o Bairro de Boa Viagem, na Zona Sul da cidade. O quarto capítulo apresenta o Universo da Pesquisa, composto por cinco edifícios e suas respectivas plantas baixas das áreas de lazer. O quinto capítulo é a Análise dos Dados obtidos. Por último, as Considerações Finais, seguidas das Referências e dos Anexos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A criança

Conceituar a criança e a infância é de fundamental importância para que se possa reproduzir de maneira mais clara o seu entendimento. Nota-se que as palavras são utilizadas como sinônimos, no entanto há diferença entre as concepções de infância e criança, sendo a primeira assimilada, em síntese, como uma etapa da vida da pessoa e a segunda como sujeito histórico, social e cultural. Heywood (2004) define infância como uma “abstração que se refere à determinada etapa da vida, diferentemente do grupo de pessoas sugerido pela palavra crianças”.

Atualmente, a condição definida para conceituar criança é a idade. De acordo com a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989): “criança é todo ser humano menor de 18 anos”¹ enquanto que para o Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído pela Lei nº 8.069/90, “criança é a pessoa que possui idade inferior a 12 anos completos”². Tudo que existe hoje passou por um processo até chegar ao que é. A existência de muitas coisas só é compreendida quando se conhece seu contexto histórico e cultural.

A sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos (ARIÈS, 1981, p.10).

Com essas palavras, o autor traduz o significado da criança até o final da Idade Média. A sociedade não reconhecia a infância enquanto um período de vida referente aos homens, pois ela era considerada como um “adulto em miniatura”. Portanto, as vestimentas, as conversas, os jogos, as brincadeiras e até o trabalho realizado por elas não a distinguiam do modo de vida dos adultos (Figura 1). Dentro da moradia não havia separação entre crianças e adultos, não havia noção de privacidade, nem nas divisórias da moradia, nem em assuntos referentes à moral.

¹ ALBERNAZ JÚNIOR, 2011, p. 12.

² CEDCA/RJ, 2002, p. 05.

Figura 1 - Crianças Operárias



Fonte: MDIG, c2018.

No século XVI, os adultos, em especial as mulheres, começam a destinar certa atenção às crianças reconhecidas como fonte de distração ou relaxamento, o que Ariès (1986, p.159) denomina de “crianças bibelot”, expressando um sentimento de valorização da infância. A vida em família, até o século XVII, era vivida em público, ou seja, não havia privacidade de seus membros, até mesmo no tocante à educação das crianças. No período de transição do Feudalismo para o Capitalismo ocorreram, na Europa Ocidental, alterações nas relações sociais que tiveram reflexos na organização familiar, escolar e no sentimento de infância. A criança tornou-se fonte de alegria; redobraram-se os cuidados e as atenções.

Segundo Ariès (1986 *apud* ANDRADE, 2010), a partir do século XVIII, lentas transformações se iniciam dentro das famílias, ocasionando o surgimento do “sentimento de família”, fortemente marcado pela necessidade e desejo de privacidade. A intimidade e a vida privada da família moderna resultam em novas relações familiares, atreladas por mudanças de valores, especialmente quanto à educação das crianças. A criança passa a assumir um lugar central na família.

Para Moreira & Vasconcelos (2003, p.169 *apud* ANDRADE, 2010), particularmente no século XVIII, com o desenvolvimento do Capitalismo consolida-se a diferenciação entre as esferas pública e privada, sendo de responsabilidade do

Estado a administração da esfera pública e das relações de produção, no tempo que a família se responsabilizaria pela esfera privada, pelo espaço doméstico e pela reprodução das condições de sobrevivência. Nesse período, a criança passa a ser vista como um ser dependente, frágil, insipiente, que precisava ser educado para ser um bom cidadão, sendo a família responsável pelo dever de sua socialização.

A criança só passa a ter um papel relevante na sociedade, no final do século XIX. No Brasil, o cotidiano das crianças no século XX acontece num espaço amplo, dentro e fora de casa; ele é dominado pelas brincadeiras, por atividades que a criança organiza num tempo grande em que ela dispõe de liberdade para criar.

Apesar da valorização da infância, a atualidade apresenta traços que remetem a pensar acerca do que se encontram excluídos no brincar. As crianças de hoje, têm de enfrentar a rede de aparelhos virtuais que invadem sua vida. Com o processo acelerado de urbanização das cidades, os espaços privados ocuparam o lugar de espaços públicos antes concebidos como locais de produção e socialização da cultura, onde as crianças aprendiam a valorizar sua herança cultural através da troca coletiva com os adultos. “Assistimos a um processo de privatização e de encurtamento do tempo e do espaço da infância, na contemporaneidade” (PINTO In: QUINTEIRO; CARVALHO, 2007 p. 99).

A brincadeira sempre se fez presente na vida das crianças, mas nota-se atualmente, que com a evolução das civilizações, das grandes cidades, da mudança de hábitos, o brincar sofreu várias mudanças. Segundo Abreu (2016, p.33) houve uma transformação dos locais onde sucedem as brincadeiras, muitos destes também retratam a cultura do consumo, o qual só é oferecido brinquedos industrializados. Dessa maneira surgem os ambientes privados, onde os pais, por meio de pagamento, podem deixar suas crianças enquanto estão ocupados, como os espaços *kids* em *shoppings center*. Em alguns restaurantes existem áreas voltadas ao entretenimento infantil, visando uma maior comodidade aos adultos que tendem a permanecer por maior tempo no estabelecimento e consumir mais, uma vez que seus filhos estão se divertindo. Em certos estabelecimentos, como hospitais, clínicas médicas, salões de beleza que atendem crianças há espaços diferenciados para agradá-las.

Compreender o brincar como uma das principais linguagens da infância faz perceber que tal atividade é indispensável para o desenvolvimento humano, tendo em vista que para a criança, o brincar é tomado de significados que ultrapassam

muitas vezes a compreensão dos adultos. Na brincadeira, a criança se sente livre para expressar seus sentimentos e indagar os fatos do cotidiano sob a ótica infantil.

No entanto, nota-se que na contemporaneidade, as crianças brincam, reiteradamente, em locais fechados, inspecionados, onde o brincar pedagógico impera sobre o brincar livre. “Restrita a momentos e espaços bem definidos, pretende-se, desse modo, controlar a brincadeira, como se fosse possível dirigi-la. Sua submissão aos ditames da cultura consumista de massa também representa uma tentativa de dominar esta atividade” (FORTUNA, 2011 *apud* 2016 p. 34).

2.2. Lazer: A conquista do tempo livre

Em um reconhecido manifesto publicado em 1883, intitulado “O Direito à Preguiça”, o militante socialista Paul Lafargue, genro de Marx, faz uma dura crítica ao que ele chamará de “mística do trabalho” e seu histórico legado de exploração à classe operária (1980 *apud* NIEMEYER 2002 p. 35). Este manifesto exaltava a importância do lazer operário, e propunha uma redução na jornada de trabalho nas fábricas. Tal necessidade também pode ser vista através do pensamento de Marx e Engels (1983):

O homem que não dispõe de nenhum tempo livre, cuja vida, prescindindo das interrupções puramente físicas do sono, da alimentação, etc. estando toda ela absorvida por seu trabalho para o capitalista, é menos ainda que uma besta de carga. Fisicamente destroçado e espiritualmente embrutecido, é uma simples máquina para produzir riqueza alheia. (MARX- ENGELS, 1983, p.225).

Neste contexto, no 1º de maio de 1906 em Paris, se delimitam as horas diárias de trabalho, reduzindo-as para oito horas. Em virtude disso, diferencia-se nitidamente o tempo de trabalho do tempo de não trabalho, ou seja, distinguindo o tempo de trabalho do tempo livre, sendo o último onde o lazer estaria inserido. Esta atitude esteve muito correlacionada ao sistema econômico da época, o Capitalismo, pelo simples fato das fábricas produzirem produtos, e desejarem que a população os comprasse para usá-los. Desse modo com o tempo restrito ao trabalho, as pessoas teriam mais tempo para consumir as mercadorias ofertadas pelo mercado, e conseqüentemente elas venderiam mais.

No entanto, Vargas (2010) indica que o lazer tem sua origem na Grécia Antiga. Por conseguinte, várias atividades culturais greco-romanas podem ser vistas

como sinônimo de lazer, como as competições olímpicas, apresentações de dança e peças teatrais. Em Roma, na Antiguidade, existia o pão e o circo, lutas de gladiadores etc. Mesmo havendo discordâncias com relação aos primórdios do lazer, nota-se fundamental reconhecer a importância das mudanças ocorridas no período da Revolução Industrial, pois foram imprescindíveis para que o lazer ganhasse outra conotação na vida das pessoas, o qual aperfeiçoado, representa o lazer contemporâneo, tido como funcionalista e comercializado, o qual é mais desenvolvido na esfera individual do que na social (MENOIA, 2000).

2.3. Espaços de Vivência Infantil

Ao longo da história, a rua desempenhou um papel de grande importância na vida das crianças. Era onde elas brincavam de roda, ciranda, amarelinha, cabo de guerra, passa anel, cabra-cega, pega-pega, entre outras. No entanto, com o passar dos anos, o alto índice de violência nas cidades privou muitas delas de brincarem na rua, o que ocasionou numa mudança no espaço destinado às brincadeiras infantis.

O quintal, muitas vezes desmemoriado, tem um papel de grande valia no processo de apropriação do espaço por parte da criança. Tal importância pode ser apreendida através da vivência transposta nas palavras de Paulo Freire (1981, p. 18) “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”.

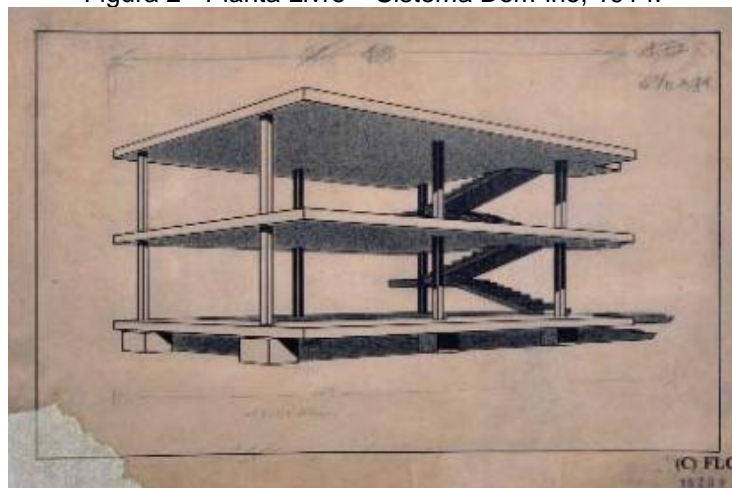
Tratava-se de um espaço com funções diversas: abastecimento doméstico de alimentos, com áreas de pomar, horta e de criação de animais; desenvolvimento de atividades domésticas, como cozinhar, lavar, quilar e secar roupas; local de encontro, de festas e de lazer das crianças e de toda a família.

No entanto, com o processo de verticalização, surge um novo jeito de morar, criando-se uma nova paisagem nas cidades brasileiras. Ao longo dos anos 40 do século XX, o edifício de apartamentos se populariza. Na década de 70, os edifícios possuem numerosos pavimentos e tomam lugar definitivo nas grandes cidades.

Dessa maneira, os conceitos Modernistas passam a ser incorporados a casa, com isso a residência tradicional deixa de ter paredes autoportantes e passa a adotar uma estrutura independente, que permite a livre locação das paredes, adota-se o conceito de planta livre (Figura 2). Surgem as áreas de serviços, ocupando

comumente parcelas dos afastamentos dos lotes. A organização frente-fundo, hierarquizada, é substituída pelo enaltecimento de todas as fachadas.

Figura 2 - Planta Livre – Sistema Dom-ino, 1914.



Fonte: FONDATION LE CORBUSIER, c2018.

O paisagismo passa a ter maior relevância e os antigos quintais se transformam em pátios e corredores, que quando conformavam jardins, faziam a ligação entre espaço externo e interno, se transformando em um importante espaço de convivência ocupado pelas crianças, onde elas desenvolviam brincadeiras (LE CORBUSIER, 1994). Sendo assim, a organização espacial estava atrelada a valorização da vida familiar, por conseguinte, os arquitetos passam a buscar a continuidade espacial através da integração de ambientes.

Atualmente nota-se uma crescente implantação de espaços de vivência infantil nos programas de necessidades dos edifícios, que são entendidos por áreas como quartos destinados às crianças dentro das moradias multifamiliares e áreas de lazer (brinquedoteca, *playground*, quadras, piscina infantil, sala de estudos, salão de festas, salão de jogos etc.). Não obstante, o ambiente da brincadeira acaba limitado dentro de um apartamento pequeno ou a uma área comum dos edifícios, que nem sempre é de qualidade.

Abreu apresenta uma curiosa pesquisa desenvolvida por Green (2011 apud ABREU, 2016), que tem por intuito identificar os lugares especiais das crianças no ambiente residencial, para assim compreender os seus significados. A pesquisa foi feita com a amostra de vinte crianças entre três e cinco anos de idade. A conclusão vê-se abaixo, onde a primeira coluna representa os lugares especiais, já a segunda conta com as propriedades desses espaços (Tabela 1).

Tabela 2 - Lugares especiais identificados por 20 crianças na pesquisa de Green (2011).

<u>Types of Special Places</u>	<u>Number Mentioned</u>
No Special Place	3
Setting:	
Indoor	33
Outdoor	<u>6</u>
Total places mentioned:	39
Place location:	
Home	32
School	5
Imaginary	<u>2</u>
Total places mentioned:	39
Indoor special places:	
In bedroom (general)	6
Under bed	5
Under blankets	4
Behind chair or couch	4
In closet	2
In car	2
In loft	1
Inside treasure chest	1
Cardboard box house	1
Under computer desk	1
Under rug	1
In Pantry	1
Under stairs	1
Upstairs (general)	1
In living room (general)	1
In playroom (general)	1
Outdoor special places:	
In backyard	2
In tree	1
Under porch	1
In garden	1
In sandbox	<u>1</u>
Total places mentioned:	39

Fonte: GREEN, 2011 apud ABREU, 2016

Neste estudo, as crianças citaram muitos espaços dentro da moradia, como embaixo da cama, por exemplo. Com relação à área externa, o quintal foi lembrado por muitas, seguido por árvore e jardim. Já na área externa foi mais citado o quintal, mas também foi citado árvore e jardim.

A partir destas respostas, Green (2011 apud ABREU, 2016) notou que esses lugares citados estavam associados à liberdade que os pequenos tinham para usar a “imaginação”. Dessa maneira, eles tinham maior autonomia para brincar do seu jeito. O esconde-esconde é um exemplo disso, pois é se escondendo que as crianças adquirem privacidade, fugindo do mundo dos adultos. O carinho por esses lugares também foi um critério de escolha, os quais se associavam a memórias (Tabela 2).

Tabela 3 - atributos dos lugares especiais mencionados por 20 crianças na pesquisa de Green (2011).

Attributes of Special Places	Number Mentioned
Feelings:	
"Like(s)" it	12
"Warm and cozy"	1
"Don't feel lonely"	1
<i>Not mentioned</i>	8
<hr/>	
Place companions:	
Siblings (brother and/or sister)	4
Parents (mom and/or dad)	2
Grandmother	1
<i>Not mentioned</i>	14
<hr/>	
Objects taken to special places:	
Stuffed animals	4
Books	3
Toys (non-specific)	2
Toy cars	2
Crayons	1
Food	1
<i>Not mentioned</i>	7
<hr/>	
Place Activities:	
Hide	7
Read or look at books	3
Play dress-up	2
Play cars	2
Play with toys (non-specific)	1
Color pictures	1
Play monsters	1
Plant flowers	1
Eat	1
Curly up	1
<i>Not mentioned</i>	6

Fonte: GREEN, 2011 apud ABREU, 2016

2.3.1. O surgimento dos *Playgrounds*

Há uma necessidade de se compreender o histórico deste espaço, assim como os equipamentos que o compõem. O filósofo alemão Froebel criou um equipamento que valorizava o desenvolvimento livre e espontâneo, denominado de *Kindergarten* (jardim de infância), na metade do século XIX, que se caracterizava por um recinto onde as crianças realizavam brincadeiras no chão, como também faziam uso de jogos e brinquedos (Figura 3). Este foi o primeiro protótipo lúdico pedagógico, primitivamente introduzido nos jardins escolares europeus. Este modelo também foi utilizado pelos norte-americanos, e posteriormente funcionou como pilar do padrão paulista de parque infantil (NASCIMENTO & GOBBI, 2017).

Profundas transformações na morfologia e na apropriação de uso acontecerão na fase seguinte, chamada de *Reform Park* (1900 até 1930), momento de expansão do lazer ativo, dando margem também a proposta lúdico-pedagógica dos recreios dirigidos. A ideia de incorporar brinquedos aos *playgrounds* será levada para os EUA em 1885 pela médica americana Marie Zakrzewska, absorvida do modelo de Parque Infantil criado pelo alemão Emil Harwight, já bem conhecido na Europa. O primeiro *Sand Garden* (jardim de areia), à maneira do *Kindergaerten*, será implantado numa praça de Boston, naquele mesmo ano, trazendo uma nova concepção de recreio aos espaços livres. A contrário do modelo anterior, o *Reform Park*

propiciava seu uso a qualquer tempo, inclusive à noite, não sendo mais oferecido nos arredores e sim em áreas mais densas da cidade. (NIEMEYER, 2002).

Figura 3 - Kindergaerten



Fonte: THE INTERNATIONAL FROEBEL SOCIETY, c2018

Posteriormente, com o novo rearranjo exibido pela educação física e crescimento do lazer, como fenômeno cultural, o playground torna-se um significativo espaço de desenvolvimento do tempo livre e não mais um espaço doutrinado. Na década de 50, em decorrência da pedagogia no Brasil, estes ambientes passam a serem recintos lúdicos (NIEMEYER 2002). Na atualidade, todavia, devido à violência no país, estes lugares de brincar, que deveriam ser ofertados pela esfera pública, convertem-se dentro dos condomínios privados, sendo muitas vezes um diferencial para a venda do imóvel.

2.4. Sociedade de consumo

Baudrillard (1981) em seu livro “A Sociedade de Consumo”, traz uma crítica às novas características da sociedade contemporânea. Apesar de radical em seu pensamento, sua obra traz importantes concepções. Em sua visão, as pessoas não buscam mais a funcionalidade dos produtos, o seu interesse se restringe ao que o produto significa, se preocupam com o agora e os produtos são facilmente descartados. Essa lógica advinda do Capitalismo faz com que o lucro seja o centro

do trabalho. Nesse sentido as construtoras constroem baseadas na Economia de Escala, ou seja, em quantidade, nem sempre associada à qualidade.

2.5. Arquitetura do medo

Contraditoriamente, as cidades que foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes, atualmente estão paulatinamente associadas ao perigo. Desta forma, o problema da insegurança no Brasil impulsiona a crescente construção de muros (Figura 4), os quais, segundo Amaral (2010), promovem divisão física entre os espaços seguros das comunidades privilegiadas e os espaços onde vivem as comunidades desprivilegiadas, muitas vezes territórios ocupados pelo tráfico e com total ausência do Estado, não é apenas espacial levando também à segregação social entre as classes.

Figura 4 - Muros do Edf. Shopping Prince



Fonte: AUTORA, 2018.

O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercado de muros. A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos de pessoas e restringem seu universo de interações (CALDEIRA, 2000, pg. 27).

Diante dessa fragilidade e insegurança vivenciada pela população, o *marketing* imobiliário vende em seus empreendimentos a ilusão de tranquilidade e segurança como alternativa de fuga do caos urbanos, através de equipamentos de lazer e infraestrutura, resultando no “enclausuramento” por parte dos moradores. Cada vez mais as pessoas usam os sistemas de *delivery* de vários produtos, evitando sair de casa para ir às compras, como supermercados, farmácias, restaurantes. Edifícios com equipamentos tais como áreas de lazer, academias de ginástica, piscinas, *playgrounds*, são desejados justamente pelo conforto de se ter tudo próximo.

Esse fenômeno é fruto da desigualdade social, que aumenta a criminalidade e da ausência de um planejamento urbanístico de qualidade. Esta dinâmica segue um fluxo contrário ao que ocorre na Europa, onde as habitações cumprem apenas sua função de moradia, dessa maneira o lazer das crianças é promovido pelos equipamentos urbanos públicos, como praças e parques.

3. ÁREA DE ESTUDO

O bairro de Boa Viagem, localizado na Zona Sul da cidade do Recife, tem sua história iniciada com a implantação da capela de Boa Viagem, construída pelo padre Leandro de Carvalho nas terras doadas por Baltazar da Costa Passos em 1707 (BARTHEL, 1989). Entretanto o seu crescimento só pôde ser visto nos anos 20 do século XX, com a abertura da Avenida da Beira Mar, que se deu após os bondes e a implantação de infraestrutura, feita no governo de Sérgio Lorêto e pelo crescente interesse em transformar Boa Viagem em um local para veraneio, além da construção da Ponte Agamenon Magalhães em 1953. Outros investimentos aumentaram a sua relevância, como o Hotel Boa Viagem (Figura 5), inaugurado em 1954, para receber passageiros que desembarcavam no Aeroporto dos Guararapes.

Figura 5 - HOTEL BOA VIAGEM



Fonte: SKYSCRAPERCITY, 2017.

A praia era o principal atrativo do bairro, tipicamente local de veraneio até os anos 70 do século XX (Figura 6). As famílias de classes média e alta moravam nos bairros tradicionais e nos meses de verão, mudavam-se para lá, para passarem as festas de fim de ano e aproveitarem os meses de férias das crianças e jovens, longe das escolas e faculdades.

Figura 6 – Praia de boa viagem na década de 50 do século XX.



Fonte: PERNAMBUCO ARCAICO, c2018.

Nesta década, surgem grandes construções de uso misto, novas estruturas, advinda dos conceitos modernistas, caracterizadas pela alta densidade, gerada pelo aglomerado de diferentes usos, tentativa de coletivizar os serviços e reduzir as áreas privativas das habitações. Os maiores exemplares deste tipo de edificação no Recife são o Holiday e Califórnia. Essa nova lógica de morar foi inspirada nos projetos europeus e norte-americanos, no entanto foi conduzido pelo insucesso, pois a mão de obra era mais barata que os eletrodomésticos, essa veracidade desencadeou numa ocupação por grupos heterogêneos.

Na década de 60 instituem-se as primeiras diretrizes legais para o ordenamento espacial do bairro, através da Lei Municipal 7.427, de 1961, assentado no estudo do engenheiro Antônio Bezerra Baltar, que decreta o Desenho Urbano a ser praticado e, por conseguinte, o modelo de ocupação das quadras do bairro. Neste momento, o poder público, através deste Código Urbanístico, concede um novo tipo de ocupação e valorização do bairro.

A Lei Nº 7.427 de 1961 foi constituída por duas abordagens: uma para a cidade e outra para o edifício. Nessa Lei era mais presente a ideia do funcionalismo, principalmente para as edificações. Cabia a concepção global de cidade uma conotação metropolitana, onde o centro do Recife assumia às vezes de grande centro cívico e de negócios metropolitano, traduzido na conexão de suas determinações aos princípios do

polinucleamento urbano, principalmente proposto por Baltar, na esfera local (MEDINA, 1996, p.146).

Segundo Cavalcanti (2002, p. 69/70), a verticalização estreia com o erguimento do Edifício Califórnia em 1958, projeto do arquiteto Acácio Gil Borsoi (Figura 7), seguido pelo Edifício Acaiaca, de Delfim Amorim e Lucio Estelita (Figura 8), este último tinha a finalidade inicial de uma habitação destinada a veraneio, mas depois assumiu o caráter urbano. Esta obra remonta ao início da verticalização na cidade, acompanhada das técnicas construtivas, revestimentos, elementos para adequação ao clima local, que buscavam retratar a realidade carioca na paisagem da orla de Boa Viagem.

Figura 7 - Edifício Califórnia na época do seu lançamento.



Fonte: CLARISSA, 2017.

Figura 8 - Edifício Acaiaca.



Fonte: BARTHEL, 2018.

Nos anos 60 há uma grande produção de prédios com pilotis acompanhado de mais três andares, esse novo padrão possibilita a classe média de adquirir o

imóvel próprio. A oferta por garagens para carros também surge nesse período, pela razão do automóvel ter se popularizado. Na Praia de Boa Viagem pode-se destacar o Edifício Guajiru (1964-1994), de Borsoi e Vital Pessoa de Melo, que contava com quatro pavimentos. Neste período, Boa Viagem começa a trazer a classe média, e a moradia unifamiliar dar lugar a habitação multifamiliar, caracterizada pela verticalidade (foto 8). Essa realidade foi influenciada pela especulação imobiliária e a necessidade das construtoras em maximizar seus respectivos lucros, juntamente a imposição das classes emergentes em morar em locais que ofertassem serviços.

Figura 9 – Praia de boa viagem nos anos 60



Fonte: PERNAMBUCO ARCAICO, c2018.

O processo de construção de habitações multifamiliares passa a se intensificar na década de 70, que concebeu edifícios de até 16 pavimentos, notadamente voltados para as faixas mais altas da população. Segundo Amorim (2000), neste período, a praia de Boa Viagem torna-se um exemplar da arquitetura modernista pernambucana, com destaque para a construtora De Paula, sinônimo de padrão de qualidade dos edifícios de luxo, já Wandenkolk Tinôco e a construtora A.

C. Cruz estabelecem o padrão de qualidade para edifícios da classe média. Desse modo, o bairro passa a ter outra aparência, deixa de ser local de veraneio e torna-se local de residências permanentes.

Na década seguinte, o Bairro de Boa Viagem recebeu um grande empreendimento, o *Shopping Center Recife* (Figura 10), inaugurado em 1980, maior polo comercial da cidade. Em virtude disso, o seu entorno vira alvo de novas construções, de caráter comercial e habitacional, descentralizando a lógica de ocupação do bairro, proporcionando aos empreendedores da construção civil um maior investimento no bairro.

Figura 10 – Shopping Recife.



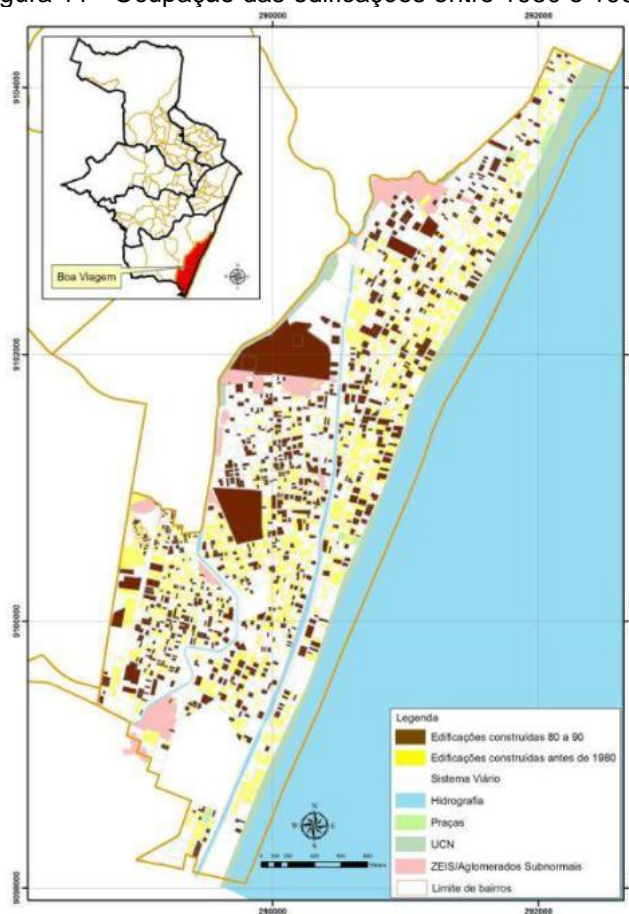
Fonte: PERNAMBUCO ARCAICO, c2018.

Em 1983 foi sancionada a Lei 14.511/83 (Lei de Uso e Ocupação do Solo – LUOS) que introduz um olhar dessemelhante do centro e estabelece um zoneamento mais detalhado da cidade, ressaltando a diversidade do uso de solos e atividades. Com o intuito explorar ao máximo o potencial construtivo, a Lei 16.289/96 revogou a norma anterior favorecendo os agentes imobiliários, os quais não possuíam limitação do gabarito das construções, tendo assim as suas alturas decorrentes da demanda por determinado tipo de apartamento e do poder de compra dos consumidores.

Nesta mesma década, observa-se que a partir dos afastamentos regidos pela legislação existente, formam-se áreas ociosas no lote, que passam a ter novos usos, ocasionando a ampliação do programa de necessidades dos edifícios, onde se inclui equipamentos de uso coletivo, como piscina, *playground* e sauna, no entanto essa inclusão se inicia de forma discreta. Essa compostura é resultante do modo de viver da época, pois nesse período o lazer das crianças de classe média alta se resumia aos tradicionais clubes da cidade, como o Country Club do Recife, o Clube Alemão, o Caxangá Golf Club, entre outros. Por conseguinte, não existia uma grande demanda por áreas de lazer dentro dos prédios. Já o salão de festas surge em consequência da redução da área privativa dos prédios voltados à classe A, com apartamentos menores, necessitando assim de uma área destinada aos eventos, os quais antes aconteciam dentro das próprias moradias, conforme entrevista com Carlos Fernando Pontual, no dia 23/11/2018.

O crescimento ocupacional e vertical enfrentado por Boa Viagem durante as décadas de 80 e 90 do século XX pode ser visto através da dinâmica de expansão urbana no bairro, onde é possível se fazer uma análise comparativa entre as edificações erguidas nos respectivos períodos (Figura 11).

Figura 11 - Ocupação das edificações entre 1980 e 1990



Fonte: SILVEIRA JÚNIOR, 2016.

Nos anos 90, a verticalização atinge o seu apogeu (Figura 12), decorrente da Lei Nº 16.176/96, que estabeleceu coeficientes menores de até 4,0, e todas as áreas passaram a ser computáveis, no entanto eliminou a taxa de ocupação, que é um elemento imprescindível para a restrição da altura das edificações, mesmo não restringindo o potencial construtivo, sucedendo na saturação da malha urbana do bairro.

Figura 12 - Orla de boa viagem



Fonte: WIKIPÉDIA, 2012.

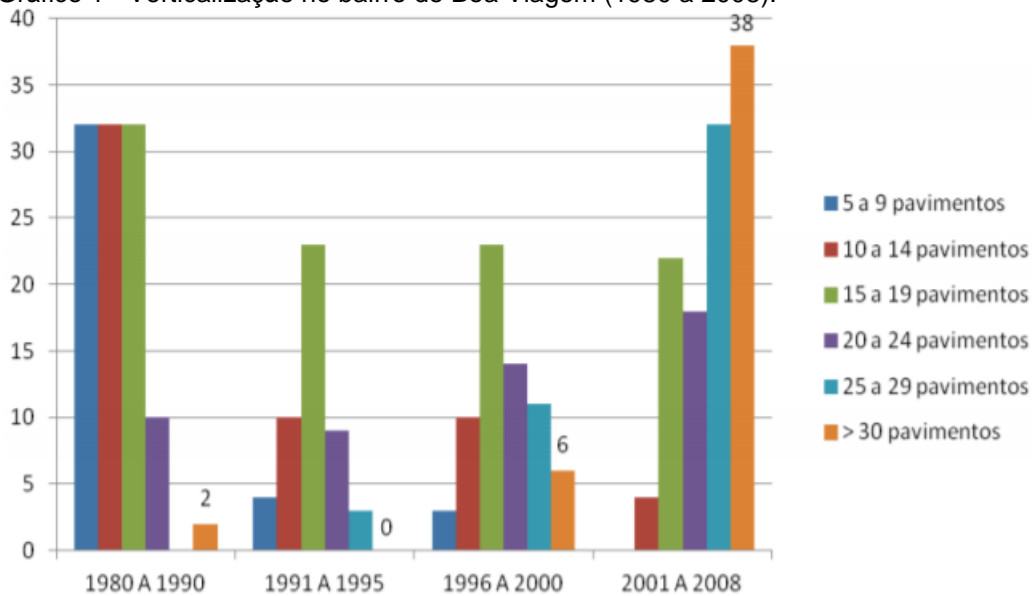
Há alguns anos a lógica que definia a escolha do consumidor se dava assim: pelo local, pela qualidade do imóvel e pelo preço. Todavia esse comportamento de compra vem mudando, fruto da crise econômica no país. Esse momento de recessão inverteu a prioridade dos compradores, os que elegem o preço como principal fator determinante na hora da compra. Essa demanda interfere na oferta de imóveis, que buscam em seus empreendimentos uma redução no seu custo.

O Plano Diretor, Lei Nº 17.511 instituído em 2008, insere o bairro de Boa Viagem dentro da ZUP1, cujos índices urbanísticos para o efeito de construção são compostos por um coeficiente de utilização 4,0, com taxa de solo natural de 25%, afastamento frontal de 5,00 metros, laterais nulos ou 1,5 metros e fundos de 2,0 metros, justificado assim na legislação por possibilitar um alto potencial construtivo, compatível com sua infraestrutura urbana. Com isso nota-se que a legislação impulsionou a verticalização do bairro, preconizada pelo seu adensamento.

Atualmente, o bairro de Boa Viagem é o de maior ocupação verticalizada (Gráfico 2), além de uma elevada densidade construtiva e o mais populoso da cidade do Recife. Está localizado na Região Política Administrativa 6 (RPA6), e ocupa uma área territorial de setecentos e cinquenta e três hectares, e de acordo

com o último Censo de 2010, realizado pelo IBGE e possui 122.922 habitantes, 42.272 domicílios e a média de 2,9 habitantes por domicílio.

Gráfico 1 - Verticalização no bairro de Boa Viagem (1980 a 2008).



Fonte: SILVEIRA JÚNIOR, 2016.

4. UNIVERSO DA PESQUISA

O Universo da Pesquisa foi composto por cinco plantas baixas de edifícios de construtoras diferentes, elaborados por um mesmo arquiteto, Carlos Fernando Pontual, que foi entrevistado no dia 23/11/2018. Todas elas apresentam áreas de lazer.

Foi montado um Banco de Dados, fazendo-se visitas a estes empreendimentos e registrando-se as áreas de lazer através de fotos. Em cada um deles, há o endereço, a data da construção, a construtora e os equipamentos de lazer existentes. Foi levantada uma planilha, apresentando pontos negativos e positivos de cada empreendimento, bem como quais os equipamentos de lazer encontrados.

Neste capítulo, a coleta de dados ocorreu primeiramente através da aquisição de plantas baixas cedidas, que se inserem as áreas de lazer. Depois com visitas aos empreendimentos já entregues e ocupados, com registros fotográficos.

4.1. Edifício Jequitinhonha Prince



Edifício Jequitinhonha Prince
 Endereço: João Cardoso Aires
 239 – Boa Viagem – Recife/ PE
 Construtora: Pernambuco
 Entrega: Jun/2002
 Arquiteto: Carlos Fernando
 Pontual
 Área do Terreno: 1.329,76 m²
 Área de Construção: 7.470,53 m²
 Equipamentos de lazer: Piscina,
 Playground, Salão de Festas e Quadra
 Poliesportiva

O edifício está localizado no cruzamento entre a Rua João Cardoso Ayres e a Avenida Jequitinhonha, no Bairro de Boa Viagem (Figura 13). O prédio pertence à Pernambuco Construtora, tendo sua construção finalizada em junho de 2002. A área total do terreno é de: 1.329,76 m², já a área construída é de 7.470,53 m². A área privativa do apartamento é de 122,00 m², avaliado em R\$750.000,00. Os equipamentos de lazer encontrados no projeto são: Piscina, *Playground*, Salão de Festas e Quadra Poliesportiva (Figuras14 e 15).

Figura 14 - Localização do Edifício Jequitinhonha Prince



Fonte: GOOGLE MAPS, c2018.

Figura 15 - Edifício Jequitinhonha



Fonte: AUTORA, 2018.

4.2. Edifício Acácias Prince

Figura 16 - Edifício Acácias Prince



Fonte: AUTORA, 2018

Edifício Acácias Prince

Endereço: R. José Aderval Chaves, 48 – Boa Viagem – Recife / PE

Construtora: Pernambuco

Entrega: Jun/2004

Arquiteto: Carlos Fernando

Pontual

Área do Terreno: 1.500,00m²

Área de Construção: 8.133,50 m²

Equipamentos de lazer: Piscina, *Playground* e Salão de Festas.

O empreendimento está situado na Rua Aderval Chaves, 48, no bairro de Boa Viagem (Figura 16-19). O edifício é da Pernambuco Construtora, sendo finalizado em junho de 2004. O terreno conta com uma área de 1.500,00 m² e 8.133,50 m² de área construída. O apartamento possui uma área privativa de 101,00 m², sendo avaliado em R\$700.000,00. Os equipamentos de lazer são: Piscina, *Playground* e Salão de Festas.

Figura 17 - Localização do Edifício Acácia Prince



Fonte: GOOGLE MAPS, c2018.

Figura 18 - Edifício Shopping Prince



Fonte: AUTORA, 2018.

Figura 19 - Edifício Shopping Prince



Fonte: AUTORA, 2018.

4.3. Edifício Shopping Prince

Construído em dezembro de 1999, o condomínio fica na Rua Jorge Couceiro Eiras, nº 443, no bairro de Boa Viagem, próximo ao *Shopping Center Recife*. Foi construído pela Pernambuco Construtora. O terreno dispõe de uma extensão de 1.800,00 m², e de 8.671,96 m² construída. A área privativa é de 70,00 m² e seu valor de mercado é de R\$420.000,00. Os equipamentos são: *Playground*, Piscina e Salão de Festas (Figuras 20-22).

Figura 20 - Edifício Shopping Prince



Fonte: AUTORA, 2018.

Edifício Shopping Prince

Endereço: R. Jorge Couceiro da Costa Eiras, 443 – Boa Viagem – Recife / PE

Construtora: Pernambuco

Entrega: Dez/1999

Arquiteto: Carlos Fernando

Pontual

Área do Terreno: 1.800,00 m²

Área de Construção: 8.671,96m²

Equipamentos de lazer: Piscina, *Playground* e Salão de Festa

Figura 21 - Localização do Edifício Shopping Prince



Fonte: GOOGLE MAPS, 2018.

Figura 22 - Edifício Shopping Prince



Fonte: AUTORA, 2018.

4.4. Edifício Miriam Dubeux

O edifício está situado na Rua Francisco da Cunha, no bairro de Boa Viagem, próximo aos Colégios Boa Viagem e Santa Maria. Construído em dezembro de 2002, pela Moura Dubeux. O terreno dispõe de uma extensão de 2.991,50 m², e de 15.101,72 m² de área construída. A área privativa é de 181,00 m² e seu valor de mercado é de R\$1.150.000,00. Os equipamentos são: *Playground*, Piscina e Salão de Festas, Espaço *Teen*, Parque Infantil e Salão de Jogos (Figura 23).

Figura 23 - Edifício Miriam Dubeux



Fonte: AUTORA, 2018.

Edifício Miriam Dubeux

Endereço: R. Francisco da Cunha, 142– Boa Viagem – Recife / PE

Construtora: Moura Dubeux

Entrega: Dez/2002

Arquiteto: Carlos Fernando

Pontual

Área do Terreno:
2.991,50m²

Área de Construção:
15.101,72m²

Equipamentos de lazer:
Piscina, *Playground* e Salão de Festas, Salão de Jogos e Parque Infantil

4.5. Edifício Jardins



Edifício Jardins

Endereço: Av. Boa Viagem, 1230– Boa Viagem – Recife / PE

Construtora: Moura Dubeux

Entrega: Dez/2000

Arquiteto: Carlos Fernando Pontual

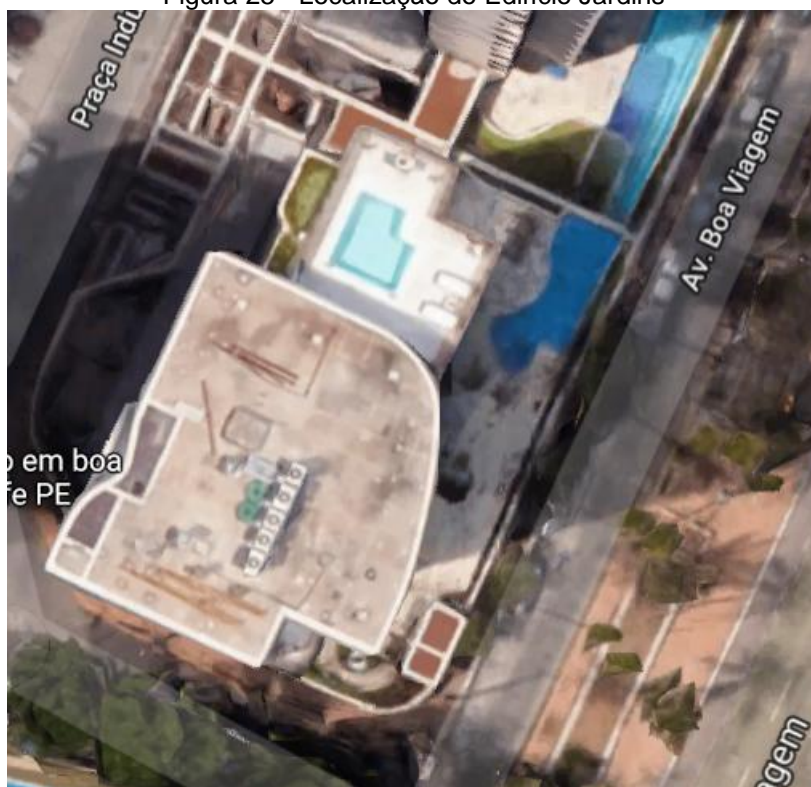
Área do Terreno:
1.658,83m²

Área de Construção:
7.587,82m²

Equipamentos de lazer:
Piscina, *Playground* e Salão de Festas.

O empreendimento está num dos locais mais valorizados da cidade do Recife, o Primeiro Jardim, na Avenida Boa Viagem (Figuras 24 e 25). Da amostra, é o prédio que custou mais, avaliado em R\$7.000.000,00, tendo sua área privativa de 442,00 m². A área total do terreno é de: 2.991,50m², já a área construída é de 15.101,72 m². Os equipamentos de lazer são: Piscina, *Playground* e Salão de Festas e Parque Infantil.

Figura 25 - Localização do Edifício Jardins



Fonte: GOOGLE MAPS, 2018.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Os ambientes de lazer infantil encontrados na amostra foram: piscina, *playground*, salão de festas, salão de jogos, quadra poliesportiva, espaço *teen* e parque infantil. Para compreender melhor a dinâmica dos edifícios foi feita a tabela abaixo:

Tabela 4 - Tabela Comparativa.

EDIFÍCIO	EQUIPAMENTOS DE LAZER	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
JARDINS	CAMPINHO ,PLAYGROUND,	XXXXX	NÃO POSSUI PISCINA INFANTIL, PLAYGROUND
	SALÃO DE FESTAS E PISCINA	XXXXX	XXXXX
	XXXXX	XXXXX	COM UM ÚNICO ESCORREGO
SHOPPING PRINCE	PISCINA, PLAYGROUND E SALÃO DE FESTAS	PLAYGROUND COM	NÃO POSSUI PISCINA
	XXXXX	VARIEDADE	INFANTIL E CAMPINHO
JEQUITINHONHA PRINCE	PISCINA, PLAYGROUND, SALÃO DE FESTAS,	XXXXX	NÃO POSSUI PISCINA
	CAMPINHO	XXXXX	INFANTIL
MIRIAM DUBEUX	PISCINA, PLAYGROUND,	PISCINA INFANTIL	AUSÊNCIA DE QUADRA POLIESPORTIVA
	SALÃO DE JOGOS, SALÃO DE FESTAS E	SALÃO DE JOGOS	XXXXX
	PARQUE INFANTIL	PARQUE INFANTIL	XXXXX
ACÁCIAS PRINCE	PISCINA, PLAYGROUND E SALÃO DE FESTAS	XXXXX	O PLAYGROUND DISPÕE APENAS
	XXXXX	XXXXX	DE ESCORREGO, NÃO POSSUI
	XXXXX	XXXXX	PISCINA INFANTIL E CAMPINHO

Fonte: AUTORA, 2018.

No geral, nota-se que há uma defasagem nos espaços de vivência infantil nas residências multifamiliares da Zona Sul, mesmo sendo um local de bastante interesse imobiliário. Essa realidade ocorre em razão dos terrenos do bairro, que são, em sua maioria, compridos e estreitos. Por outro lado, os lotes da Zona Norte, como Casa Forte, Monteiro e Santana, ocupam áreas onde originalmente eram engenhos, que foram desmembrados em lotes, afirma Stela Barthel (2018).

Outro fator apontado pelo arquiteto Carlos Fernando Pontual em entrevista, é que a garagem tornou-se um dos pré-requisitos para a escolha do imóvel, pois, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as famílias passaram a contar com um maior número de carros, resultado do caótico sistema de mobilidade urbana da

cidade do Recife. Destarte, tornou-se indispensável possuir uma extensa garagem destinada aos moradores. Esta verdade interfere no programa de necessidades do edifício, o qual muitas vezes não possui terreno suficiente para oferecer áreas de lazer, mesmo em prédios de alto padrão.

Considera-se também que a quantidade e qualidade dos equipamentos de lazer, não estão proporcionalmente relacionados ao valor da construção, estando mais associados à área do terreno. Curiosamente, a amostra em questão não contou com um projeto inicial para inclusão de espaços de vivência infantil, sendo adicionados tardiamente pelos condomínios, de acordo com a necessidade de seus moradores. Caracterizados por brinquedos de materiais plásticos, em sua maioria, localizados em áreas descobertas.

Dentre os cinco empreendimentos, o edifício Acácias Prince se destaca pela restrita quantidade de espaços destinados às crianças em sua área comum. Existindo apenas piscina, salão de festas e um escorregador (Figura 26).

Figura 26 - Playground do Edifício Acácias Prince



Fonte: OLX, 2018.

Essa comprovação é vista em registros fotográficos do Edifício Jardins, o qual, apesar de bastante valorizado, não possui um *playground* diversificado (Figura 27) e conta apenas com um campinho (Figura 28), salão de festas (Figura 29) e piscina (Figura 30). Esse resultado é explicado em conversa com Pontual, o qual argumenta

que o edifício foi destinado a moradores, de maior idade, bem estruturados financeiramente, os quais já contavam com filhos mais velhos, e não mais crianças. Por conseguinte, não se havia a necessidade de um espaço de vivência infantil em sua área comum.

Figura 27 - Playground do Edifício Jardins



Fonte: Fotografia tirada pelo porteiro do prédio no dia 28/11/2018



Fonte:

io no



Fonte:

io no

Figura 30 - Piscina do Edifício Jardins



Fonte: Fotografia tirada pelo porteiro do prédio no dia 28/11/2018

Por outro lado, o condomínio Shopping Prince foi construído com uma proposta diferente do edifício anterior. O seu público alvo possui uma faixa etária mais jovem, que muitas vezes já possui filhos, em sua maioria crianças. Este fato ocorre graças à sua área privativa, composta por apenas 70,00 m². Nesse âmbito, notam-se mais equipamentos de lazer, como cama elástica, gangorra e escorregador, adicionados subsequentemente (Figura 31).

Figura 31 - Playground do Edifício Shopping Prince



Fonte: Fotografia tirada pelo porteiro do prédio no dia 28/11/2018

Em relação ao Edifício Jequitinhonha Prince, não foi identificado nenhum diferencial comparado aos outros, constituído por: piscina, salão de festas e *playground* (Figura 32 e 33).

Figura 32 – Áreas do Jequitinhonha Prince



Fonte: OLX, 2018.

Figura 33 – Áreas do Jequitinhonha Prince



Fonte: OLX, 2018.

O Edifício Miriam Dubeux possui uma piscina infantil (Figura 34), salão de jogos, diferentemente dos outros e uma ampla área comum, isso se dá pelo tamanho do terreno, que permite uma maior disposição de equipamentos de lazer. Um diferencial deste imóvel é que mesmo adicionado posteriormente, o playground conta com alguns brinquedos em madeira (Figura 35), entretanto os de plástico também se fazem presentes (Figura 36).

Figura 34 - Piscina Edifício Miriam Dubeux.



Fonte: DIRECT IMOVEIS, c2018.

Figura 35 - Edifício Miriam Dubeux



Fonte: OLX, 2018.

Figura 36 - Edifício Miriam Dubeux



Fonte: EXPOLIMNA, c2016.

Conforme destaca o arquiteto Pontual, a nova Lei nº. 8. 112/2015, que se refere à exigência dos telhados verdes, vai trazer mudanças nos empreendimentos a serem construídos e aqueles já finalizados, pelo motivo de possibilitar uma nova área dentro dos edifícios, nas cobertas, que poderá ser destinada às crianças, visto que não será computada como área construída. Essa solicitação chegou a ser feita por um dos edifícios do Banco de Dados desta pesquisa, o Miriam Dubeux, que deseja o projeto de um novo *layout* para sua área comum, a partir do telhado verde que será construído. Em relação ao Edifício Jequitinhonha Prince, não foi identificado nenhum diferencial comparado aos outros, constituído por: piscina, salão de festas e *playground*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo exposto, verifica-se que as crianças passaram um longo período, despercebidas pela sociedade, deste modo, suas necessidades não eram consideradas. Ao mesmo tempo, nota-se que a brincadeira sempre esteve na vida desses menores, mas foi a partir da Psicologia e Pedagogia que as crianças começam a ter um local destinado ao brincar: o *playground*. Não se pode eliminar a rua neste processo de apropriação do espaço pelos menores, pois ela foi durante um bom tempo o cenário de desenvolvimento de brincadeiras.

Conquanto, com a banalidade da violência enfrentada pelo país, as construtoras passaram a incorporar espaços de vivência infantil dentro de seus programas de necessidades e desta maneira, a moradia multifamiliar torna-se sinônimo de “segurança”, fazendo com que os pais optem por deixar seus filhos enclausurados. Na cidade do Recife, começam-se a ver registros desses espaços comuns nos edifícios, a partir da década de oitenta, mas de forma discreta.

Inicialmente o bairro de Boa Viagem era caracterizado por ser local de veraneio, no entanto com o aporte de investimentos, passou a assumir um caráter urbano em sua paisagem. Este novo perfil se deu por meio de um longo processo de verticalização, ganhando lugar de destaque como o bairro mais verticalizado do Recife. Essa nova lógica foi decorrente da legislação.

Mas, de modo geral, foi percebido através dos resultados das amostras, que os espaços de vivência infantil escolhidos foram incorporados posteriormente pelos condomínios. Esse fato faz com que muitas vezes esses recintos, sejam postos sem uma racionalidade. Igualmente, testemunha-se que esses projetos podem ser melhorados e acrescidos de uma área interna como opção para brincar nos dias de chuva. Esse desfecho foi bastante relevante para o estudo, pois se imaginava que na concepção dos projetos já existisse um interesse por introduzir essas áreas em seus programas de necessidades.

Constatou-se também que esses espaços não estão associados ao valor do imóvel e sim à disponibilidade de seu terreno. Por meio de entrevista com o arquiteto Carlos Fernando Pontual, observou-se que a Lei nº. 8. 112/2015, que se refere à exigência dos telhados verdes, vai trazer mudanças nos empreendimentos a serem construídos e aqueles já finalizados, pois permitirão que as edificações apresentem uma maior área construída. Pontual também afirmou que uma parcela dos novos

empreendimentos já está sendo projetada com uso misto (habitacional e comercial) no pavimento térreo, isso decorre de um estímulo ao aumento do trânsito de pessoas nas imediações. Trata-se nesse contexto, de um mecanismo de que busca promover uma maior segurança, tendo em vista que lugares mais frequentados tendem a ser mais seguros. Segundo Jacobs (2000), deve haver um fluxo de pessoas nas ruas em todas as horas do dia, garantindo uma maior segurança. Para isso, esses complementos precisam exercer um uso intenso do solo urbano que contribua suficientemente para vitalidade e diversidade da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. M. H. M. **Lugares do brincar na infância urbana: análise do ambiente e do comportamento infantil em áreas de lazer de edifícios residenciais multifamiliares em Porto Alegre-RS/**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

ALBERNAZ JÚNIOR, V. H.; FERREIRA, P. R. V. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. São Paulo: Malheiros, 2011.

AMARAL, L. **O Imaginário do Medo: violência urbana e segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Contemporânea, 2010.

AMORIM, L. **Todos para o céu – 1950: A moradia vertical em PE**. Recife: Queiroz Galvão, 2000. (Encarte da Construtora).

ANDRADE, L. B. P. **Tecendo os fios da infância**. Editora Unesp, São Paulo, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1981.

BARTHEL, Stela Glaucia Alves. **Sociedade de classes, espaço urbano diversificado- a faixa de praia da cidade do Recife**. Recife: UFPE/PIMES, 1989. Originalmente apresentado como Dissertação de Mestrado em Sociologia.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 1981.

CALDEIRA, T P. R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ EDUSP, 2000.

CARVALHO, R. M. B.; VARGAS, A. **O contexto histórico das políticas públicas de lazer no brasil**. Disponível em: <<http://www.fiepb.com.br/images/artigos/216/file/Artigo%20Licere.pdf>>. Acesso em: 2018.

CAVALCANTI, C. B. **O Recife e suas Ruas, Se essas Ruas fossem minhas**. Recife: Edições Edificantes, 2002.

CEDCA/RJ, Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente do Estado do Rio de Janeiro. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8.069 de 13/07/1990. 12. ed. Rio de Janeiro: MEC/RJ, 2002.

CENSO Demográfico, 2010. **Resultados do universo: características da população e domicílios**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em mai. 2018.

CLARISSA, M. **Edifício Califórnia na época do seu lançamento**. 2017. Il. Color. Disponível em: <<http://revistasim.ne10.uol.com.br/edificio-california-vive-novo-momento/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

DIRECT IMOVEIS. **Edifício Miriam Dubeux** c2018. Il. Color. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=2ahUKewjeu4GUzvjeAhUBOZAKHc01C78Qjhx6BAgBEAM&url=https%3A%2F%2Fwww.directimoveis.com.br%2Fimovel-v1311%2Fedf-miriam-dubeux&psig=AOvVaw0m3amaVM1ltJ0KYAwV8cE8&ust=1543546800540313>>. Acesso em: 7 out. 2018.

EXPOLIMNA. Edifício Miriam Dubeux. C2016. Il. Color. Disponível em: <<https://www.expoimovel.com/imovel/apartamentos-comprar-vender-boa-viagem-recife-pernambuco/287302>>. Acesso em: 17 out. 2018.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FONDATION LE CORBUSIER. **Planta Livre – Sistema Dom-ino** c2018. il. color. Disponível em: <<http://www.v6.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysld=65&sysLanguage=en-en&itemPos=1&sysParentId=65&clearQuery=1>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GOOGLE MAPS. **Localização do Edifício Acácia Prince**. 2018. Il. Color. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Condom%C3%ADnio+do+Edif%C3%A9dio+Jequitinhonha+Prince/@-8.1062985,-34.893064,886m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fd4b4e0a029:0x5bc86de215720d7e!8m2!3d-8.143287!4d-34.9064327?hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. **Localização do Edifício Jardins**. 2018. Il. Color. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Edif%C3%ADcio+Jardins+++Av.+Boa+Viagem,+1230+++Boa+Viagem,+Recife+++PE,+51011-000/@-8.101735,-34.8857437,111m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1f6b1e51b567:0x79f0c363340c964b!8m2!3d-8.1021488!4d-34.8858127>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. **Localização do Edifício Jequitinhonha Prince**. 2018. Il. Color. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Condom%C3%ADnio+do+Edif%C3%A4Dcio+Jequitinhonha+Prince/@-8.1062985,-34.893064,886m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fd4b4e0a029:0x5bc86de215720d7e!8m2!3d-8.143287!4d-34.9064327?hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. **Localização do Edifício Shopping Prince**. 2018. Il. Color. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Condom%C3%ADnio+Edif%C3%ADcio+Shopping+Prince/@-8.1223505,-34.9052931,130m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fb323408595:0x1c08ed505b68f166!8m2!3d-8.1223139!4d-34.9054943?hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

MARX, K. & ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Moraes, 1983.

MDIG. **Crianças operárias**. c2018. il. color. Disponível em: <www.mdig.com.br>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MEDINA, L. L. **A legislação de uso e ocupação do solo do Recife como instrumento de desenho urbano**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

NASCIMENTO, M. L.; GOBBI, M. A. **Infâncias sul-americanas: crianças nas cidades, políticas e participação.** São Paulo; FEUSP, 2017. Disponível em: <<http://www4.fe.usp.br/wp-content/uploads/infanciasok.pdf>>. Acesso em: 2018.

NIEMEYER, C. A. C. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

OLX. **Jequitinonha Prince.** 2018. 2 il. color. Disponível em: <<https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/jequitinhonha-prince-andar-alto-122-m-varanda-vista-mar-3-qts-dep-lazer-2-vagas-512906805>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

_____. **Miriam Dubeux.** 2018. il. color. Disponível em: <<https://pe.olx.com.br/grande-recife/imoveis/edf-miriam-dubeux-predio-de-04-suites-ao-lado-do-restaurant-bercy-creperia-556190764>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

PERNAMBUCO ARCAICO. **Praia de boa viagem na década de 50 do século XX.** c2018. il. color. Disponível em: <www.pernambucoarcaico.com>. Acesso em: 2018.

PINTO, M. R. B. Tempos e espaços escolares: o (des) confinamento da infância. In: QUINTEIRO; CARVALHO (Orgs.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola.** São Paulo: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES, 2007.

RECIFE. **Lei nº 7427 de 19 de outubro de 1961.** Código de urbanismo e obras codificação das normas de urbanismo e obras.

_____. **Lei nº 14511 de 17 de janeiro de 1983.** Diretrizes para o uso e ocupação do solo, e dá outras providências. Recife, 1983.

_____. **Lei nº 17511 de 29 d dezembro de 2008.** Plano Diretor. Recife, 2008.

SILVEIRA JÚNIOR, R. S. **A Regulação Urbanística No Ordenamento Do Espaço Urbano: os impactos da Lei 16.176/96 no Bairro de Boa Viagem- Recife-PE.** Recife: UFPE, 2016.

SKYSCRAPERCITY. **Hotel Boa Viagem**. 2017. il. color. Disponível em: <www.skyscrapercity.com/showthread.php>. Acesso em: 2018.

THE INTERNATIONAL FROEBEL SOCIETY. **Kindergaerten**. c2018. il. color. Disponível em: <<http://www.ifsfroebel.com/>>. Acesso em: 2018.

WIKIPÉDIA. **Orla de boa viagem**. 2012. il. color. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Recife_-_vista_a%C3%A9rea.jpg>. Acesso em: 29 set. 2018.

ANEXO A – PLANTA EDIFÍCIO JEQUITINHONHA PRINCE

ANEXO B – PLANTA EDIFÍCIO ACÁCIAS PRINCE

ANEXO C – PLANTA EDIFÍCIO SHOPPING PRINCE

ANEXO D – PLANTA EDIFÍCIO MIRIAM DUBEUX

ANEXO E – PLANTA EDIFÍCIO JARDINS